

8 – 9 out. oct. 21h30  
Galeria José Tagarro

# Palmira

Anabela Almeida, Sara Duarte

## Quais foram as primeiras motivações para esta nova criação?

As questões de género tinham já surgido em anteriores trabalhos, em “Single Story” de ambas e em “As Três Sozinhas” da Anabela em conjunto com a Cláudia Gaiolas e a Sílvia Filipe. A Anabela propôs trabalhar a partir da história da sua avó Palmira pelo percurso particular que teve, um percurso diferente do que era esperado para as mulheres no tempo em que viveu, Estado Novo, numa zona rural no Norte de Portugal. Quisemos perceber quais são agora, em contextos do interior do país, as percepções que existem sobre o feminino e o masculino, em áreas como o trabalho, as relações humanas, mais especificamente as relações familiares, os quotidianos.

## Palmira localiza-se num oásis, segundo a sinopse do projecto. Em que momento emerge este conceito? Como surge a vontade de se posicionarem num lugar utópico?

Palmira é um lugar de pensamento, onde se problematiza o conceito de feminino, onde se recordam memórias e se identificam heranças socialmente inscritas, que assume a forma de uma associação de estados de consciência, do sonho à vigília. Neste lugar, podemos garantir tempo para o exercício do pensamento, como num oásis, como o oásis da cidade Palmira. A utopia não surge como algo inalcançável, marcado pela fantasia ou perfeição, mas sim como uma possibilidade de persistir no questionamento, na desocultação de padrões sociais que ainda nos constroem, mulheres e homens. Este oásis acontece neste tempo particular em que nos encontramos, um tempo de emergência, em que o sistema social, político e económico está a ser revisto.

## Este espectáculo é construído a partir da recolha de testemunhos e histórias singulares. Que revelações surgiram desta recolha? E que novas inquietações e reflexões vos trouxe este trabalho, enquanto artistas?

Conversámos com pessoas nas zonas do Cartaxo, Minde, Alcanena, no contexto do trabalho com a Materiais Diversos, através do telefone ou plataformas online. Na residência com a Lavrar o Mar entrevistámos muitas pessoas nas zonas de Aljezur, Monchique, algumas destas conversas aconteceram nas suas próprias casas, mesmo em contexto de pandemia. As conversas com os residentes no Porto (Pasteleira), com mediação do Teatro do Frio, foram realizadas ao telefone e através de videochamadas. Em todas elas, a proximidade e a intimidade foram uma constante, como se no tempo particular de isolamento em que todas vivíamos, aquelas conversas ganhassem ainda maior importância. Identificámos por parte da maioria das pessoas uma necessidade de alteração dos padrões tradicionais ligados ao papel social da mulher e do homem, uma sobrecarga das mulheres no âmbito doméstico, no contexto laboral alguns relatos de desigualdade ao nível da remuneração e do exercício da liderança pelas mulheres.

## No seguimento da questão anterior, de que modo é que esta pesquisa ganhou forma cénica?

A natureza intimista do espectáculo tinha já sido pensada por nós e esta escolha ficou reforçada pela subjectividade da experiência do trabalho de pesquisa nas três residências que fizemos. Alguns dos conteúdos recolhidos fazem parte do espectáculo. A forma do espectáculo assenta na estrutura dos estados de consciência e da ideia de oásis, que se relaciona, sobretudo, com o nosso processo de questionamento ao longo da criação. A forma cénica assenta nesta dramaturgia e tanto o espaço cénico concebido pela Ângela Rocha, como a música do Ricardo Freitas e do Ricardo Ribeiro e a luz do Nuno Patinho reflectem a construção em contínuo, em expansão, como uma ideia em processo de transformação, consciente ou inconsciente.

### Anabela Almeida

Artista associada do teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser. Tem o Curso de Formação de Atores da ESTC. Trabalha regularmente como atriz nas companhias Mala Voadora e Formiga Atómica. Foi co-criadora com Sara Duarte de Single Story, uma conferência em forma teatral e com Cláudia Gaiolas e Sílvia Filipe de As 3 Sozinhas. Criou e interpretou o projeto A Casa da Praia e Joyeux Anniversaire. Coordena desde 2016 o projeto de envolvimento de públicos O Público Vai ao Teatro.

### Sara Duarte

Artista associada do teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser. Tem o Curso de Formação de Atores do Instituto Franco Português e licenciatura em Psicologia na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Foi co-criadora com Anabela Almeida de Single Story, uma conferência em forma teatral e com Lígia Soares criou Professor. Criou e interpretou Joyeux Anniversaire com os restantes artistas da estrutura. Coordena desde 2016 o projeto de envolvimento de públicos O Público Vai ao Teatro.

## What were the first motivations for this new creation?

The questions of gender had already come up in previous work, in “Single Story” by both of us and “As Três Sozinhas” by Anabela, together with Cláudia Gaiolas and Sílvia Filipe. Anabela suggested working from a story about her grandmother Palmira, through the specific journey she had, a journey that was different from what was expected of women during her time, the Estado Novo (The second Portuguese Republic), in a rural part of Northern Portugal. We wanted to understand what the perceptions are now, in the interior of the country, of what is feminine and masculine in areas such as work, human relationships, and more specifically familial relationships; the day to day.

## Palmira takes place in an oasis, according to the synopsis of the project. At what point does this concept emerge? How does the desire to position yourselves in a utopic place arise?

Palmira is a place to think, where one can discuss the concept of the feminine, where memories are relived and where socially inscribed inheritances can be identified; it can take the form of a gathering of states of consciousness, from dreams to be watchful. In this place, we can guarantee the time to exercise thought, as if in an oasis, like the oasis in the city of Palmira. Utopia does not appear as something unattainable, marked by fantasy or perfection, but rather as the possibility to persist in questioning and revealing the social patterns that still confine us, both women and men. This oasis occurs at this particular time, in which we find ourselves, a time of emergency, in which the social, political and economic systems are being revised.

## This show is built around gathering testimonials and unique stories. What revelations came from gathering these together? And what new worries and reflections did this work bring you as the artists.

We spoke with people in the towns of Cartaxo, Minde and Alcanena, related to our work with Materiais Diversos, via telephone or online platforms. At the residency with Lavrar o Mar, we interviewed many people in the towns of Aljezur and Monchique, and some of these conversations happened in people’s own homes, even during the pandemic. The conversations with the residents of Porto (Pasteleira), mediated by Teatro do Frio, took place via telephone and video calls. In all of them, proximity and intimacy were a given, as if during this time of isolation in which we all lived, those conversations took on even more importance. We identified in most people a need to change traditional patterns connected to the social roles of women and men, an overburdening of women in the domestic space, and some stories of inequality in the work environment, with regards to compensation and leadership positions by women.

## As a follow-up to the previous question, in what way was this research formed for the stage?

The intimate nature of the show had already been conceived of by us, and this choice was reinforced by the subjectivity of the research experience during the three residencies we were in. Some of the content we gathered is part of the show. The form of the show is based on a structure of states of conscience and the idea of the oasis, which is, above all, related to our process of inquiry during the creation. The scenic form is based on this dramaturgy, and not only the scenic space conceived by Ângela Rocha, but also the music by Ricardo Freitas and Ricardo Ribeiro, and the lighting by Nuno Patinho, reflect the continuity, the expansion of the construction, like an idea in the process of transformation, conscious or unconscious.

### Anabela Almeida

Associated artist of teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser. Graduated at the Actors Training Course at ESTC. Works regularly as an actress in the companies Mala Voadora and Formiga Atómica. She was co-creator with Sara Duarte of Single Story, a conference in theatrical form, and with Cláudia Gaiolas and Sílvia Filipe of As 3 Sozinhas. She created and performed the project A Casa da Praia and Joyeux Anniversaire. Since 2016, she has been coordinating the public involvement project O Público Vai ao Teatro.

### Sara Duarte

Associated artist of teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser. Graduated at the Actors Training Course from Instituto Franco Português and a degree in Psychology from the University of Lisbon. Was co-creator with Anabela Almeida of Single Story, a conference in theatrical form and with Lígia Soares created Professor. She created and performed Joyeux Anniversaire with the rest of the structure’s artists. Since 2016, she has been coordinating the public involvement project O Público Vai ao Teatro.

Direção artística, interpretação e texto / Artistic Direction, interpretation and text Anabela Almeida e Sara Duarte Apoio à pesquisa / Research support Luís Godinho e Teresa Gentil Desenho e operação de luz / Light Design and operation Nuno Patinho Espaço cénico e figurinos / Scenography and Costume Ângela Rocha Som / Sound Ricardo Freitas e Ricardo Ribeiro Imagem / Image José Carlos Duarte Produção executiva / Executive production Vanda Cerejo Co-produção / Co-production teatro meia volta e depois à esquerda quando eu disser, Materiais Diversos Apoio / Support República Portuguesa – Cultura / Direção-Geral das Artes Residências de criação / Creation Residencies Comédias do Minho (Paredes de Coura), Lavrar o Mar (Aljezur e Monchique), Materiais Diversos (Alcanena e Cartaxo), Cultura em Expansão - Teatro do Frio (Porto)